AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

ESTUDO DE CASO: INCLUSÃO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO BRASIL

AUTOR: SILVANDIRA EVELLIN ESTUMANO COELHO JARNICK

INTRODUÇÃO

A Educação Pública no Brasil enfrenta inúmeros desafios, especialmente em comunidades marginalizadas, onde a desigualdade social, a falta de acesso a recursos e a infraestrutura deficiente dificultam o acesso a uma educação de qualidade. Nesse contexto, a Escola Municipal Esperança Viva**,** localizada em uma região periférica de uma grande cidade brasileira, se destaca como um exemplo de inovação e superação. A escola adota uma abordagem multidisciplinar que visa promover inclusão social**,** sustentabilidade ambiental **e** uso de tecnologias educacionais de forma integrada, com o objetivo de reduzir as desigualdades educacionais e proporcionar oportunidades igualitárias para seus alunos.

Este estudo de caso tem como objetivo analisar as estratégias implementadas pela escola para enfrentar os desafios de sua comunidade e melhorar o desempenho educacional dos alunos. A partir de práticas pedagógicas inovadoras e de uma gestão escolar transformacional, a Escola Municipal Esperança Viva busca não apenas atender às necessidades imediatas de seus alunos, mas também proporcionar um ambiente educativo mais sustentável e inclusivo. Este estudo também examina as barreiras encontradas durante a

implementação dessas soluções e os possíveis caminhos para expandir e fortalecer as iniciativas já em andamento.

A partir desse estudo, será possível avaliar como as ações pedagógicas inovadoras podem ser combinadas com uma gestão participativa e práticas sustentáveis para criar um modelo educacional que favoreça o desenvolvimento integral das crianças e a transformação social da comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

ASPECTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental (EA) teve seu início na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, Suécia, em junho de 1972, onde foi proposta como uma alternativa nas sociedades internacionais para promover o cuidado e a conservação da natureza. Em 1975 foram definidos os objetivos e aprovado o primeiro projeto trienal. Este consistia na realização de um estudo para identificar os projetos em curso, as necessidades e prioridades dos Estados e a promoção da consciência ambiental.

Com base no projeto e nos objetivos, uma série de seminários e conferências têm sido realizados em diferentes partes do mundo para promover a divulgação da educação ambiental como ferramenta fundamental para a sustentabilidade ambiental. Esses acontecimentos serviram de pano de fundo para sua implementação em todos os níveis educacionais, e também permitiram que ocorressem diferentes concepções de EA; Por exemplo, no Rio de Janeiro, Brasil, no Fórum Global de Cidadãos de 1992, foi definido "como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as competências, a experiência e a vontade capazes de

fazendo-os agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais atuais e futuros" (González Muñoz, 1996:28).

Por outro lado, as concepções teóricas têm dado diretrizes para que os objetivos e postulados da EA sejam:

1) A educação em geral e a educação ambiental em particular devem partir da realidade do ambiente local e dos sujeitos sociais, das suas próprias aspirações e interesses, da participação ativa e crítica como forma e substância, da organização como forma de vincular o que eles aprenderam, no quotidiano, condições que lhes permitem conceber a melhoria da sua qualidade de vida, com base nos conhecimentos atuais para que desenvolvam as competências básicas que lhes permitam a participação qualificada nos processos de transformação das realidades que os afetam quotidiana e socialmente. (Comissão Metropolitana de Meio Ambiente, 2001).

2) A EA deve integrar conhecimentos, atitudes e ações, e não apenas relatar um determinado problema, mas também encontrar respostas ou soluções para parar e evitar a deterioração ambiental; Além disso, trata-se de assumir e compreender o problema e agir sobre ele. Ou seja, a educação ambiental busca comportamentos responsáveis, conhecimento sobre o meio ambiente e seus problemas, bem como estratégias para agir sobre e para o meio ambiente (Navarro e Garrido, 2006).

3) A EA deve ser um ativador da consciência ambiental, visando promover a participação ativa do ensino na conservação, uso e melhoria do meio ambiente, tornando-se um aspecto básico para a educação integral, ao enfatizar a conquista de atitudes positivas e comportamentos responsáveis nos sujeitos, a partir do desenvolvimento de estratégias que promovam a participação e o compromisso social (Morachimo, 1999).

OBJETIVO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tem sido citado desde os seus primórdios que a educação - como instrumento - pode formar ideias básicas poderosas nos alunos, ou seja, alcançar o desenvolvimento dos indivíduos na plenitude humana, além de formar uma consciência coletiva, que mostra, em conjunto, uma ação educativa que permite a transmissão eficiente de noções científicas, e que, além disso, enfrenta a tarefa de formar uma consciência política, que faça de cada grupo social, como indivíduo, um membro ativo de sua sociedade e uma opinião que contribua para a tomada de decisões e ação política. Delimitar a política como a atividade que visa, ideologicamente, conduzir a tomada de decisões de um grupo de indivíduos para atingir determinados objetivos e que, além disso, é o dispositivo que resolve os interesses conflitantes que ocorrem em uma sociedade, com o objetivo de alcançar um bem comum.

A educação deve contribuir e levar a mudanças nos padrões de pensamento e formas de agir na nossa sociedade. Ou seja, a educação em termos gerais deve direcionar seus esforços para a formação de posições e significados ambientais que estimulem a participação cidadã no desenvolvimento sustentável. A educação tem sido o artifício registrado nos anais do povo, para adquirir uma vida melhor; Permaneceu invariavelmente envolvido na atenção ao desenvolvimento das comunidades humanas.

O exposto está sujeito a cinco funções que a educação deve considerar para se estabelecer como um eixo transformador da sociedade e buscar, em seu discurso e ações, a busca pela conquista de uma sociedade sustentável (Cantú-Martínez, 2008, p. 42) :

A educação ambiental retrospectivamente surgiu durante as décadas de sessenta e setenta, onde o interesse pela proteção ambiental se estabeleceu em nível internacional, o que se expressou no horizonte educacional com a constituição e promoção da educação ambiental, principalmente através do Programa Internacional de Educação Ambiental

dirigido pelos Estados Unidos. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Sauvé, Berryman e Brunelle, 2008).

Contudo, a noção de educação ambiental ganhou força durante a "Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente", organizada em Estocolmo em 1972 pela Organização das Nações Unidas; Desta reunião destaca-se o seu significado na mudança do padrão de desenvolvimento vigente até então. Inicialmente estava vinculado ao "ecodesenvolvimento", onde se declarava conjuntamente a pertinência da educação ambiental, escolarizada e não escolarizada, responsável por despertar o interesse da população jovem e adulta, principais protagonistas dos problemas ambientais existentes, e estabelecendo assim a participação do cidadão na conservação ambiental; tudo isso, para fazer um uso mais adequado dos recursos naturais pelo ser humano, para obter um benefício mais duradouro ao longo do tempo (Macedo e Salgado, 2007; Sauvé et al., 2008).

Estamos na década da educação para o desenvolvimento sustentável, que a Organização das Nações Unidas promove desde 2005 e até 2014, como resposta aos sinais que emergiram das reuniões realizadas nas Cimeiras da Terra do Rio 1992 e de Joanesburgo 2002; A promoção desta campanha tem sido da responsabilidade da Organização das Nações Unidas (ONU, 2003), a fim de instar as estruturas governamentais das diferentes nações do mundo a incluírem medidas que fortaleçam os propósitos desta cruzada e cujas atividades sejam refletidas. nos planos educacionais de seus respectivos países. Para isso foram propostas atividades específicas que esta campanha internacional promove e que incluem ações concretas, conforme transcritas a seguir:

a) Consumo responsável, que atenda aos três Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) e atenda às exigências do "comércio justo".

b) Exigência e promoção de desenvolvimentos técnico-científicos que favoreçam a sustentabilidade, com controlo social e aplicação sistemática do princípio da precaução.

c) Ações sociopolíticas em defesa da solidariedade e proteção do ambiente, a nível local e global, que contribuam para pôr fim aos desequilíbrios insustentáveis e aos conflitos associados, com uma defesa determinada da expansão e generalização dos direitos humanos para o toda a população mundial, sem qualquer tipo de discriminação (étnica, de género...).

d) Superar, em suma, a defesa de interesses e valores particulares de curto prazo e a compreensão de que a solidariedade e a proteção global da diversidade biológica e cultural constituem um requisito essencial para uma solução autêntica dos problemas.

Com o exposto, a educação ambiental se estabelece como a esfera de reflexão sobre os novos paradigmas do comportamento humano sobre o meio ambiente, pois é preciso lembrar que este é o ponto de partida universal da educação ambiental, em que as diferentes relações sociais, econômicas e ecológicas em um determinado tempo e espaço. Além de reunir as correspondências mencionadas, consegue erigir, moderar e marcar claramente o rumo para alcançar as atitudes e valores para melhorar a relação com o meio ambiente, propondo ações sucessivas que se ajustem aos cenários ambientais prevalecentes (Cantú-Martínez , 2008). Novo (2009, p. 198) menciona-o categoricamente:

Durante séculos, a educação centrou-se exclusivamente no aperfeiçoamento do indivíduo, foi absolutamente antropocêntrica. Mas, na segunda metade do século XX, e estimulado pela necessidade de responder, ao mesmo tempo, a um problema ecológico que já se fazia sentir, nasceu um movimento educativo que alargou o seu campo de ação: a educação ambiental (E.A.).

Sabedoria é conceder conhecimentos úteis, e é fundamental que o professor vincule esse conhecimento ao interesse do aluno, pois em qualquer disciplina a ser ensinada deve ser exibida a importância do “aqui e agora”. Isto não pode ser possuído sem ter certas baseado no

conhecimento, mas é viável ter apenas informação e permanecer desprovido dela. Devemos distinguir entre o erudito e o sábio (ou culto), o primeiro possui amplos conhecimentos adquiridos através do estudo de uma ou várias disciplinas, por outro lado, o sábio ou culto é o possuidor desse conhecimento, sabe utilizá-lo , e a domina com base nos valores mais elevados da raça humana, tais como: criatividade, tolerância, veracidade, justiça. (Hernández, 2004, p. 4)

Barrantes (2013, pp. 32-33), comenta o acima exposto de forma impecável, aludindo que em muitas instituições de ensino: “Os cursos são organizados em uma certa ordem lógica, mas não vinculados às demais dimensões que fazem parte da realidade humana”. da pessoa. Nesse sentido, os alunos são treinados para ‘fazer alguma coisa’, e não tanto para ‘ser alguém’

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental deve estar alinhada ao desenvolvimento do sujeito em relação ao seu meio ambiente para que se promova a consciência ambiental, isto para compreender a dinâmica ambiental atual e direcionar a mudança de uma cultura extrativista através do fortalecimento da cultura de conservação. Considerando as ideias apresentadas, a educação ambiental é uma educação para a mudança, um movimento ético onde é necessária uma perspectiva epistemológica e metodológica de reorganização das concepções ambientais para a construção de um novo modelo (Guimarães, 2004).

Compreender a educação ambiental como um movimento ético e um estilo de vida autossustentável envolve observar os problemas ambientais sob vários ângulos. Problemas ambientais abrangidas a partir de perspectivas reducionistas e positivistas, são características de muitas abordagens da educação ambiental no século XX, fortalecendo lacunas conceituais

e metodológicas onde as ideias prévias dos sujeitos são minimizadas. Essas ideias fornecem informações fundamentais no planejamento, execução e avaliação na prática. aprendizagem, como um importante suporte para conhecer as dimensões socioeconómicas e culturais implícitas nas práticas sociais (júnior, 2005).

Nas últimas décadas, a educação ambiental caiu em um vazio originado da lacuna entre as teorias conceituais e o ativismo absoluto, de onde as pesquisas foram retirados resultados e soluções como objetivo final da educação ambiental, esquecendo a construção cognitiva dos sujeitos e os processos de ensino que acontecem na mente do sujeito e a posterior reflexão destas práticas. Sob esta abordagem, a mudança quantitativa deixou para trás a mudança qualitativa, uma vez que os resultados de aprendizagem são esperados de atividades de educação ambiental. Para garantir o resultado da aprendizagem é necessário desenvolver um modelo didático que faça a mediação entre os fundamentos teóricos e as ações concretas, favorecendo os processos de ensino em educação ambiental a partir da reflexão e do diálogo constante dos envolvidos. A implementação incipiente de um modelo didático nas práticas torna-as incoerentes e, sobretudo, não permite a reflexão sobre elas para reformulá-las (Leme, 2006)

O ativismo que não para é a premissa que detonou as práticas de educação ambiental nos últimos anos. Concentrar-se na experiência levou à supervalorização de certos recursos; trabalho manipulativo (oficinas de vivência, trabalho de laboratório ou de campo), em detrimento de outros recursos como a reflexão dessas práticas e a reestruturação do pensamento ambiental. Traduzir esta noção não é fácil, romper com a passividade e a dependência é enfatizar a atividade mental e as interações sociais, o debate de ideias e outras representações culturais sobre o meio ambiente. Na construção de um modelo didático trata-se de cruzar suas contribuições, não com o objetivo de criar uma ciência única, mas de definir

um conjunto de princípios teórico-práticos que articulem a intervenção educativa e a incorporação de todos os pontos possíveis (Loureiro, 2004).

Uma das razões para o pouco progresso no modelo didático nas práticas de educação ambiental é a fraca constituição de uma perspectiva construtivista que leve em conta as ideias de estudantes em atividades de educação ambiental. É constante encontrar no construtivismo três argumentos: uma epistemologia relativista, uma concepção do sujeito como agente ativo e uma interpretação da construção do conhecimento como um processo interativo localizado num contexto cultural e histórico.

A epistemologia relativista refere-se à natureza mutável e dinâmica do conhecimento que facilita uma mudança nas práticas ambientais. Estas práticas não podem limitar-se a informar, persuadir e convencer, mas sim à obtenção de princípios do construtivismo que proporcionam uma visão mais fundamentada e plural do conhecimento. o que significa diálogo com outras ideias e negociação democrática de conhecimentos, situações raras nas práticas de educação ambiental, onde predominam verdades absolutas sobre a relação com o meio ambiente (Mendonça, 2007).

Nesse contexto, os espaços de Educação Ambiental não Formal desempenham um papel crucial na educação e conscientização ambiental, complementando o ensino formal e proporcionando experiências educativas enriquecedoras. Esses espaços, que incluem centros de educação ambiental, museus, jardins botânicos e parques naturais, oferecem uma abordagem prática e interativa para explorar questões ambientais.

Um dos principais benefícios desses espaços é sua capacidade de engajar os participantes de maneiras variadas e adaptadas às diferentes idades, interesses e backgrounds culturais. Eles permitem que os visitantes experimentem diretamente conceitos ambientais complexos, facilitando a compreensão e a internalização desses temas. Além disso, os espaços de Educação Ambiental não Formal proporcionam um ambiente propício para o

desenvolvimento de práticas sustentáveis. Ao participar de atividades práticas, como trilhas educativas, atividades de plantio e workshops sobre reciclagem, os visitantes são incentivados a adotar comportamentos ambientalmente responsáveis em suas vidas cotidianas (Oliveira, 2009).

É importante destacar que esses espaços não são apenas locais de aprendizado, mas também de conexão com a comunidade e promoção de uma cultura de responsabilidade ambiental. Eles funcionam como pontos de encontro onde indivíduos, famílias e grupos podem se reunir para aprender, discutir e colaborar em iniciativas ambientais.

No entanto, desafios como a acessibilidade física e econômica, a falta de conscientização sobre a existência e o propósito desses espaços, e a necessidade de uma maior integração com o currículo escolar formal ainda precisam ser abordados. Estratégias para ampliar o alcance desses espaços e torná-los mais inclusivos e acessíveis para todos os segmentos da sociedade são fundamentais para maximizar seu impacto educacional e ambiental.

Os espaços de Educação Ambiental não Formal representam uma abordagem dinâmica e eficaz para promover a conscientização ambiental e desenvolver práticas sustentáveis. Com o contínuo apoio e desenvolvimento desses espaços, podemos fortalecer a educação ambiental global e inspirar ações positivas em prol do meio ambiente.

ESTUDO DE CASO

Nome da Escola: Escola Municipal Esperança Viva

•Esperança Viva reflete a missão da escola de promover inclusão social e justiça educacional em uma comunidade marginalizada, sugerindo um compromisso com o futuro das crianças e com a criação de oportunidades igualitárias.

Contexto:

No Brasil, especialmente em áreas urbanas periféricas e rurais, o sistema educacional enfrenta desafios significativos relacionados à inclusão social, à sustentabilidade, e ao uso de tecnologias educacionais. Em uma escola pública localizada na periferia de uma grande cidade, que atende majoritariamente crianças de comunidades de baixa renda, foi implementado um projeto educacional inovador, visando promover a justiça social, o acesso à tecnologia e a sustentabilidade ambiental. O projeto faz parte de uma política municipal de educação que busca integrar práticas pedagógicas inovadoras para reduzir a desigualdade educacional.

Desafios Identificados:

1. Desigualdade Social: A escola atende alunos de famílias de baixa renda, muitos dos quais enfrentam barreiras socioeconômicas como desemprego, falta de acesso a serviços básicos e violência. Grande parte dos alunos possui um histórico de evasão escolar ou dificuldades de aprendizado.

2. Sustentabilidade: A região onde a escola está localizada sofre com problemas ambientais como a falta de saneamento básico, o descarte inadequado de lixo e a falta de áreas verdes. A comunidade tem pouca consciência sobre práticas de sustentabilidade.

3. Tecnologia e Acesso Digital: Embora o governo tenha implementado iniciativas para fornecer acesso a dispositivos tecnológicos, como tablets e internet, o uso de tecnologias ainda é limitado devido à infraestrutura deficiente e à falta de treinamento adequado para professores e alunos.

4. Liderança e Gestão Escolar: A diretora da escola está engajada em promover mudanças, mas enfrenta resistência por parte de alguns professores e membros da comunidade que estão acostumados com métodos tradicionais de ensino e são céticos em relação ao uso de novas tecnologias e práticas pedagógicas mais inclusivas.

Soluções Implementadas:

1. Educação Sustentável e Inclusiva: A escola desenvolveu um programa de educação ambiental integrado ao currículo, em que os alunos aprendem sobre gestão de resíduos, reciclagem e hortas urbanas. Os alunos são incentivados a participar ativamente de projetos comunitários para melhorar o ambiente local, como a limpeza de praças e a criação de espaços verdes na escola. Isso visa tanto a educação sobre sustentabilidade quanto o engajamento cívico dos alunos.

2. Tecnologia e Inovação: A escola faz parte de um projeto municipal que distribuiu tablets para os alunos e implementou um Laboratório de Tecnologias Educacionais, onde são realizados cursos de programação básica e design digital. Além disso, os professores recebem capacitação sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula, incluindo o uso de plataformas online para complementar o ensino.

3. Iniciativas de Inclusão Social: Para lidar com as desigualdades sociais, a escola implementou um programa de reforço escolar e apoio psicológico, com foco em alunos em situação de vulnerabilidade. O programa inclui mentorias com voluntários universitários e um grupo de apoio para alunos que enfrentam problemas familiares ou sociais, como violência doméstica ou abuso de drogas.

4. Liderança Transformacional: A diretora adotou uma abordagem de liderança participativa, envolvendo professores, alunos e pais nas decisões da escola. Ela promove reuniões mensais com a comunidade escolar para discutir os avanços e desafios do projeto, incentivando todos a contribuírem com ideias para melhorar a gestão e o aprendizado.

Questões para Análise:

1. Sustentabilidade e Educação: Como o programa de educação ambiental e de sustentabilidade pode ser ampliado para ter um impacto maior na comunidade local? Que outras práticas de sustentabilidade poderiam ser integradas ao currículo escolar?

2. Tecnologias Educacionais: Como a escola pode superar as limitações de infraestrutura e garantir o uso eficaz das tecnologias digitais no ensino? Quais estratégias de baixo custo poderiam ser implementadas para expandir o acesso digital?

3. Desigualdade Social e Inclusão: Que outras medidas poderiam ser adotadas para reduzir a desigualdade social dentro da escola e melhorar a inclusão dos alunos marginalizados? Como o programa de reforço escolar pode ser expandido ou adaptado para melhor atender as necessidades dos alunos?

4. Liderança e Mudança Escolar: Quais são as características de uma liderança transformacional que podem ajudar a diretora a superar a resistência ao uso de novas tecnologias e práticas pedagógicas? Como os professores podem ser mais engajados no processo de transformação escolar?

DISCUSSÃO

A Escola Municipal Esperança Viva está localizada em uma região periférica de uma grande cidade brasileira, atendendo predominantemente crianças de comunidades de baixa renda. A escola faz parte de um projeto educacional inovador, com foco na inclusão social,

sustentabilidade ambiental e o uso de tecnologias educacionais, em uma tentativa de reduzir as desigualdades educacionais enfrentadas por alunos de classes sociais mais vulneráveis.

O Brasil, especialmente em áreas urbanas periféricas, enfrenta grandes desafios no que diz respeito à inclusão social**,** acesso à educação de qualidade, e a sustentabilidade ambiental**.** A escola, que serve a uma população majoritariamente em situação de vulnerabilidade social, propôs uma série de estratégias para melhorar a qualidade da educação e proporcionar um ambiente mais justo e inclusivo. Este estudo busca analisar as soluções implementadas pela escola e os desafios enfrentados no processo de transformação da instituição.

A escola atende alunos de famílias de baixa renda, muitos dos quais enfrentam barreiras significativas, como desemprego**,** falta de acesso a serviços básicos**, e** violência urbana**.** Além disso, muitos estudantes têm um histórico de evasão escolar ou dificuldades de aprendizagem. Esses fatores são um reflexo das desigualdades sociais estruturais da comunidade.

A região enfrenta sérios problemas ambientais, como a falta de saneamento básico**,** descarte inadequado de lixo, e falta de espaços verdes**.** A conscientização sobre práticas de sustentabilidade é ainda limitada na comunidade, o que torna essencial a integração da educação ambiental no currículo da escola.

Apesar de iniciativas governamentais para fornecer tablets **e** acesso à internet para as escolas públicas, a infraestrutura local ainda é deficiente, e muitos alunos e professores não possuem treinamento adequado para utilizar as tecnologias de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

A diretora da escola está profundamente comprometida com a transformação educacional da instituição, mas enfrenta resistência por parte de alguns professores e membros da comunidade escolar, que ainda estão acostumados com métodos de ensino mais

tradicionais e são céticos em relação ao uso de novas tecnologias e abordagens pedagógicas inovadoras.

A escola integrou o programa de educação ambiental ao currículo, onde os alunos participam de atividades sobre gestão de resíduos**,** reciclagem e hortas urbanas**.** Além disso, os alunos são incentivados a se envolver em projetos comunitários que buscam melhorar o ambiente local**,** como a limpeza de praças e a criação de espaços verdes na escola. Esse programa busca não apenas ensinar sobre sustentabilidade, mas também engajar os alunos em ações concretas para promover melhorias no bairro e em sua qualidade de vida.

A escola se beneficiou de um projeto municipal que distribuiu tablets para os alunos e criou um Laboratório de Tecnologias Educacionais, onde são realizados cursos de programação básica e design digital**.** Também foram oferecidas capacitações para os professores, com o objetivo de melhorar a integração das tecnologias no ensino, incluindo o uso de plataformas online para complementar as aulas presenciais.

A diretora adota uma abordagem de liderança participativa, buscando envolver todos os stakeholders professores, alunos, pais e a comunidade nas decisões da escola. Ela promove reuniões mensais para discutir os avanços e desafios do projeto, incentivando a contribuição coletiva para a melhoria da gestão e do aprendizado. Essa estratégia visa fortalecer o comprometimento da comunidade escolar com as mudanças implementadas e engajar os professores no processo de inovação educacional.

O caso da Escola Municipal Esperança Viva exemplifica como a integração de práticas sustentáveis**,** tecnologias educacionais **e** ações inclusivas pode contribuir para a melhoria da qualidade educacional e a redução das desigualdades sociais em uma comunidade marginalizada. Embora existam desafios significativos, as soluções implementadas estão gerando resultados positivos tanto no desempenho acadêmico quanto no fortalecimento da cidadania e da inclusão social dos alunos. A liderança da escola

desempenha um papel fundamental em conduzir esse processo de transformação, mas também é fundamental que a gestão escolar continue a buscar novas formas de engajar a comunidade e ampliar as iniciativas bem-sucedidas para garantir a continuidade das melhorias no longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso da Escola Municipal Esperança Viva ilustra de maneira clara como a combinação de inclusão social**,** sustentabilidade ambiental **e** tecnologia educacional pode resultar em um modelo inovador e eficaz de educação em uma comunidade de alta vulnerabilidade social. Apesar dos inúmeros desafios, como a desigualdade social, a falta de infraestrutura e a resistência à mudança, a escola conseguiu implementar soluções que não só abordam questões educacionais, mas também contribuem para a transformação social e o empoderamento dos alunos.

O projeto educacional da escola demonstra que, com a gestão escolar transformacional, é possível criar um ambiente de aprendizagem que promove valores sustentáveis, o uso responsável de tecnologias e a integração de práticas inclusivas no cotidiano escolar. As iniciativas de educação ambiental e reforço escolar têm potencial para ampliar a conscientização sobre a sustentabilidade e proporcionar aos alunos o apoio necessário para superar as barreiras socioeconômicas que impactam seu desempenho acadêmico. Além disso, a implementação de tecnologias educacionais**,** quando devidamente capacitada e adaptada à realidade local, pode ser uma ferramenta poderosa para enriquecer o aprendizado e preparar os estudantes para os desafios do futuro.

Contudo, para que esses avanços se consolidem e se expandam, é fundamental que a comunidade escolar continue engajada, e que a escola busque parcerias externas que possam

fortalecer as iniciativas já em andamento, como a ampliação do acesso digital e o fortalecimento das práticas de sustentabilidade. As capacitações contínuas dos professores**,** a integração de novas tecnologias no currículo escolar e a expansão de programas de apoio psicológico e social são algumas das estratégias que podem garantir que as soluções adotadas sejam mais amplas e impactem positivamente um número ainda maior de alunos.

O estudo de caso da Escola Municipal Esperança Viva é um exemplo de que, mesmo em contextos desafiadores, a educação pode ser um vetor de transformação social. Ao integrar práticas pedagógicas inovadoras com a promoção da cidadania**,** a gestão participativa e a sustentabilidade, a escola contribui para um futuro mais inclusivo e justo para todos os seus alunos, demonstrando que a educação, quando bem orientada e apoiada, tem o poder de gerar mudanças significativas tanto no nível individual quanto coletivo.

REFERÊNCIAS

ARAGONÉS, JI, IZURIETA, C. E RAPOSO, G. (2003). Revendo o conceito de desenvolvimento sustentável no discurso social. **Psicotema,** 15(2), 221-226.

ASTUDILLO, C., RIVAROSA, A. E ASTUDILLO, M. (2003). Comunidade de aprendizagem: um projeto coletivo para enfrentar problemas socioambientais na escola. **Tópicos de Educação Ambiental,** 5(13), 8-20.

BARRANTES, LG (janeiro-abril de 2013). Responsabilidade ética de educadores e estudantes numa perspectiva humanista. **Revista Eletrônica @ Educare**, 17(1), 29-45.

Bernardo, CF (2003). Emancipação, complexidade e método histórico dialético: Repensando tendências em educação ambiental. Tópicos de Educação Ambiental, 5(13), 21-30.

BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. A., & MACEDO, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, *5*(11), 121-136.

BROSWIMMER, FJ (2005). **Ecocídio.** Breve história da extinção em massa de espécies. Navarra: Laetolli. [Links]

CABERO, J. E LLORENTE, M. (2005). TIC e educação ambiental. **Revista Latino-Americana de Tecnologia Educacional,** 4(2), 9-26.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (2008). **Desenvolvimento sustentável:** Conceitos e reflexões. Nuevo León: Universidade Autônoma de Nuevo León.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (2012b). O axioma do desenvolvimento sustentável. **Revista de Ciências Sociais**, 3(137), 83-91.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (2013c). **Bioética e pesquisa em saúde** (2ª ed.). Cidade do México: Limites.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (abril-junho de 2012a). Crise ambiental: Falta de conhecimento**. Ciência UANL**, 15(58), 20-27.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (abril-junho de 2013a). Conscientização e construção social da sustentabilidade. Ciência UANL, 16(62), 36-44.

CANTÚ-MARTÍNEZ, PC (julho-setembro de 2013b). Rumo à construção de uma sociedade mais sustentável. Ciência UANL, 16(63), 45-53.

GONZÁLEZ GAUDIANO, ÉDGAR (2007). **Educação ambiental***:* trajetórias, características e cenários, México: IINSO-UANL/Plaza y Valdés.

GONZÁLEZ, E. (janeiro-junho de 2001). Outra leitura da história da educação ambiental na América Latina e no Caribe. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 3, 141-158.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

HARRIS, A. (2000). **O que funciona na melhoria escolar**? Lições do Campo e Direções Futuras [O que funciona na melhoria da escola? Lições do campo e direções futuras]. Pesquisa Educacional, 42(1), 1-11.

HERNÁNDEZ, FA (2004). **Os objetivos da educação.** Educar para a sabedoria: Proposta de Alfred North Whitehead. Revista Digital Universitária, 5(1), 1-10.

JÚNIOR, L. A. F. **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Ministério do Meio Ambiente/Departamento de Educação Ambiental, 2005.

LEFF, E. (2004). **Conhecimento ambiental.** Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Cidade do México: Século XXI.

LEME, T. N. **Conhecimentos práticos dos professores e sua formação continuada: um caminho para a educação ambiental na escola. IN:** Guimarães, Mauro (Org.): Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 87-112.

LOUREIRO, C. F. B. Educar, participar e transformar em educação ambiental. In: MEDEIROS, H.; SATO, M. (Org.). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília: Sapiens Comunicação, 2004. p. 13-20.

MACEDO, B. E SALGADO, C. (2007). **Educação ambiental e educação para o desenvolvimento sustentável na América Latina**. Fórum de Sustentabilidade, 1, 29-37.

MARTÍNEZ, R. (janeiro-junho de 2010). A importância da educação ambiental diante dos problemas atuais. **Revista Eletrônica @ Educare,** 14(1), 97-111.

MENDONÇA, R. Educação Ambiental Vivencial. In: JÚNIOR, L. A. F. (Org.). Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: **Ministério do Meio Ambiente**, 2007. p. 118-129.

MOLANO, AB (junho de 2012). A complexidade da educação ambiental: um olhar a partir dos sete saberes necessários à educação do futuro de Morin. **Revista de Didática Ambiental**, 8(11): 1-9.

MORACHIMO, L. (1999). **Educação ambiental***:* tema transversal do currículo. Módulo Ontológico , Lima, Peru: Centro de Pesquisa e Serviços Educacionais-Pontificia Universidad Católica del Perú

MORIN, E. (2002). **Os sete conhecimentos necessários para a educação do futuro**. Paris: UNESCO.

MÚRCIA, N. (2012). **A escola como imaginário social.** Notas para uma escola dinâmica. Magistro, 6(12), 53-70.

MURILLO, FJ (2003). O movimento teórico-prático para a melhoria escolar. Algumas lições aprendidas para transformar centros educacionais. REICE-**Revista Eletrônica Ibero-Americana sobre Qualidade, Eficiência e Mudança na Educaçã**o, 1(2), 1-22.

NAVARRO, R. E GARRIDO, S. (2006). "Construindo o sentido do cuidado ambiental: um estudo de caso no ensino médio", *Reice. Revista eletrônica ibero-americana sobre qualidade, eficácia e mudança na educação* (Espanha), vol. 4, não. 1, pp. 52-70.

NOVO, M. (2009). Educação ambiental, uma verdadeira educação para o desenvolvimento sustentável. **Revista Educação, Edição Extraordinária**, 195-217.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTAL, M. L. A. **Educação formal fora da sala de aula – olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não-formais**. VII ENPEC: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009.

ONU. **Organização das Nações Unidas** (ONU). (2003). Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Assembleia Geral das Nações Unidas. A/res/57/254, 21 de fevereiro de 2003.

PALÁCIOS, J. (1984). **A questão da escola. Críticas e alternativas**. Barcelona: Laia.

PÉREZ, MR, PORRAS, YA E GONZÁLEZ, RA (2007). Identificação das representações de meio ambiente e educação ambiental que circulam na escola. **Tecné, Episteme e Didaxis**, 21, 24-44.

PRIGGEN, E. (PRODUTOR) E FOX, L. (Diretor). (2007). **A história das coisas** [documentário na web]. Estados Unidos: Free Range Studios

SAUVÉ, L., BERRYMAN, T. E BRUNELLE, R. (2008). **Três décadas de regulamentações internacionais para a educação ambiental: uma crítica hermenêutica do discurso das Nações Unidas**. Janeiro. J. González (Coord.), Educação, meio ambiente e sustentabilidade (pp. 25-52). Cidade do México: Século XXI.

VELÁSQUEZ, JA (julho-dezembro de 2009). Transversalidade como possibilidade curricular a partir da educação ambiental. **Revista Latino-Americana de Estudos Educaci**onais, 5(2), 29-44.